

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

A CRISE EXISTENCIAL DO SUJEITO PSÍQUICO¹

Pâmela Maiara Barzotto², Emanuele Tamiozzo Schmidt³, Mariane Henz⁴, Valdir Graniel Kinn⁵.

¹ Ensaio monográfico realizado como uma das atividades exigidas na disciplina de Filosofia e Psicologia II.

² Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, pamebarzotto@gmail.com

³ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, emanuele.schmidt@hotmail.com

⁴ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, marianehenz@hotmail.com

⁵ Professor Mestre do Departamento de Humanidades e Educação. Valdirk@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o processo de constituição do sujeito psíquico; sua estabilização enquanto tal e possíveis problematizações/crises. De início, apresenta as primeiras experiências infantis e a construção da “confiança básica” a partir da função materna. Num segundo momento, analisa a “falta” impulsionadora de uma apropriação de identidade do indivíduo. E por fim, traz as consequências provocadas por uma desfamiliarização com o cotidiano, elencando suas principais causas que geram a crise.

Para tanto, o embasamento teórico principal se dá na obra “O Eu: segurança ontológica e ansiedade existencial” de Anthony Giddens, 1938. Através das questões filosóficas e existenciais abordadas no texto citado, abre-se a possibilidade de se fazer uma ponte com a Psicologia. Tendo em vista o estudo do homem enquanto sujeito psíquico, também é pertinente a consulta em outros autores, os quais serão referenciados posteriormente.

Pretende-se discorrer sobre as primeiras relações do indivíduo com aqueles que o cercam e lhe fazem acolhimento. Considerar a falta como instrumento de construção da identidade. Especificar os conceitos de “confiança básica” e “casulo protetor”. Avaliar as formas de preenchimento da falta. Expor as desestabilizações causadas pela ruptura do cotidiano. E ainda, refletir sobre a ambiguidade da crise.

METODOLOGIA

As ideias centrais foram coletadas por meio de pesquisa bibliográfica em livros e dispositivo online, a partir dos quais, analisamos as questões da crise existencial do sujeito psíquico. Neste sentido, o trabalho foi desenvolvido a partir de materiais já publicados, conforme nos ensina Cervo, Bervian e da Silva (2007, p.61), a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das primeiras experiências infantis, foco principal das elaborações freudianas, que Giddens também procura se deter, afim de explicar a segurança ontológica. Quando o sujeito vem ao mundo, coloca-se a necessidade da presença de um Outro, para que este lhe conceda o amparo. É nessa primeira relação, geralmente com a mãe, que se constrói a confiança fundamental para que o sujeito seja capaz de estabelecer relações com outras pessoas ampliando a possibilidade de explorar o mundo.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Através da atenção amorosa das primeiras pessoas a cuidarem da criança, a confiança básica liga de maneira decisiva a auto-identidade à apreciação dos outros. A relação mútua com os primeiros responsáveis que a confiança básica supõe é uma sociabilidade substancialmente inconsciente que precede um “eu” e um “mim”, e é uma base prévia de qualquer diferenciação entre os dois (BLOCH apud GIDDENS, 2002, p.41-42).

A socialização ocorre no momento em que alguém que cumpra a Função Paterna ou ainda, um terceiro, que venha interferir na relação mãe/bebê. Esse processo é entendido por Freud como castração, no qual a criança vai percebendo que existem outros interesses na vida da mãe e não somente ela. Giddens (2002, p. 48) entende esse período como sendo “[...] associado com a hostilidade, gerada pela sensação do abandono [...] As hostilidades provocadas pela ansiedade na criança podem ser mais facilmente entendidas como reações à dor do desamparo”.

O “desamparo” pode ser entendido como impulsionador para que a criança alcance sua identidade própria, deixando de ser uma continuidade da mãe para estabelecer independência. “[...] é também o começo do processo de aprendizado cognitivo através dos quais são captadas certas características do mundo-objeto. Tornar-se ‘parte do outro’ constrói uma compreensão gradual da ausência e de que ‘o outro’ é uma pessoa separada” (GIDDENS, 2002, p.48-49). Esse corte é imprescindível para que o sujeito construa seu “casulo protetor”.

No momento em que a mãe deixa de suprir todas as necessidades de seu filho abre-se a possibilidade do mesmo ir em busca da realização de seus objetivos. “Pelos primeiras relações de confiança, essa pessoa também estabeleceu um casulo protetor que ‘filtra’, na condução prática da vida diária muitos dos perigos que em princípio ameaçam a integridade do eu” (GIDDENS, 2002, p.55). Isso faz com que o sujeito se estabeleça enquanto tal e situe uma rotina de acordo com as experiências que vai adquirindo com o mundo exterior.

De acordo com Giddens (2002, p. 53) “A aquisição subsequente da linguagem não seria possível se esses processos iniciais de desenvolvimento já não estivessem preparados”. Nota-se dessa forma a importância do Outro em todo o processo constitutivo de uma pessoa. Não basta apenas um aparato orgânico em perfeitas condições, pois ninguém se desenvolve por si só, é preciso sempre que um terceiro lhe convoque ao mundo, de forma humanizadora. “Se a criança tiver de se engenho para atingir um objetivo é porque não o fizeram por e para ela. Neste momento (às vezes pelo resto da vida), ser atendido é uma forma primitiva de ser amado, trabalhar para cuidar-se e abastecer-se evoca uma forma de solidão” (CORSO, 2006, p. 44). Sendo assim, a função materna que não dá espaço para que a falta se

coloque à criança, ou seja, antes mesmo dessa aparecer, já há movimento para preenche-la. Satisfazer-se sozinho não será possível, uma vez que essa mãe torna seu filho totalmente dependente de sua função, conseqüentemente psicotizando-o. [...] condutas de pais, mães e adultos formadores prevaletentes na sociedade contemporânea, essas condutas que acabam gerando orfandade emocional e espiritual nas crianças e adolescentes, podem ser transformadas. Pais, mães e adultos distraídos, que se dedicam a viver para trabalhar e a trabalhar para consumir, emocionalmente anestesiados e progressivamente exilados da espiritualidade (não necessária ou exclusivamente religiosa), não são pais, mães e adultos preparados para transmitir valores através do comportamento e para ampliar e aprofundar o campo emocional e as ferramentas espirituais com as quais seus filhos possam vir a construir vidas responsáveis. Estes adultos não têm tempo nem energia para entrar em contato intenso com seus descendentes e alunos, não têm tampouco

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

tranquilidade e harmonia interior para isso. Apesar de seus bens e de sua aparência, são seres insatisfeitos [grifo nosso] (SINAY, 2015, p. 66-67).

Com o advento do capitalismo, a forma com que a sociedade estava estruturada sofreu uma reorganização. Produtores que antes preocupavam-se apenas com a subsistência familiar, foram fortemente influenciados com a ideia de que o pouco que tinham já não era mais suficiente para se encaixar nos moldes de vida que estavam sendo propostos. A partir desse momento nos tornamos reféns do consumismo, passando a trabalhar exaustivamente, ausentando-se no processo de desenvolvimento dos filhos, cegados das consequências que isso pode acarretar na vida dos mesmos. Também podemos pensar o consumismo como forma de suprir as crises existenciais, que tanto atingem a sociedade contemporânea. A existência humana está cercada de perguntas, as quais podem ser um grande problema quando não respondidas. No entanto, é impossível encontrar uma resposta para esta infinidade de perguntas, o que nos torna passíveis de sermos persuadidos pela mídia e suas publicidades extremamente elaboradas com o intuito de nos fazer crer que através de seus produtos encontraremos a solução para determinado problema. Segundo Edgar Morin (2000, p. 27) “[...] hoje a humanidade é a maior inimiga da humanidade [...] vivemos mais do que nunca na incerteza, porque ninguém pode adivinhar o que será o dia de amanhã”. Mesmo tendo plena consciência que somos seres finitos, criamos a expectativa de que o amanhã virá. O rompimento com a segurança que o cotidiano nos transmite, abre novamente as portas para a entrada da crise. E ainda, nos coloca na ansiedade de “sermos” no mundo antes que ele se esgote como possibilidade para nós.

A ansiedade existencial está na essência do ser humano, e pode surgir com várias características: ansiedade de morte, ansiedade de falta de sentido ou vazio, ansiedade de culpa. A ansiedade de morte, seria a última e absoluta manifestação do “não ser”, o fim inevitável a que todos se dirigem. É o horizonte permanente contra o qual as mais relativas ansiedades em quanto ao destino, operam (ANDRADE, 2011).

Vale ressaltar que a ansiedade citada no texto até o momento distingue-se de “medo”. O desenvolvimento do medo implica sempre um “objeto” causador, capaz de ser detectado e trabalhado de forma específica. Já a ansiedade é resultante de algo irreconhecível, o que pode gerar mais angústia, pois se torna difícil lidar com a situação sem ter um ponto de partida para tal. “A erradicação total da ansiedade é impossível, formas positivas para lidar com ela são aconselháveis” (ANDRADE, 2011).

É na ruptura do cotidiano, na deteriorização dos moldes em que fazemos a vivência do dia-a-dia, que experimentamos a crise de forma primária e imediata. [...] Hoje, o mal-estar que nos aflige não é o romântico ‘mal do século’ [...] e sim a ansiedade da absoluta insegurança vital. E tal insegurança consiste, nada menos, que na impossibilidade de estar onde estamos, só o cotidiano nos permite estar verdadeiramente. Sem a integridade do cotidiano, estamos condenados ao mal-estar existencial (KUJAYSKI, 1988, p. 35-36).

Dessa forma, vemos que a linearidade do cotidiano nos é fundamental para assegurarmos nossas vidas, dando sentido a nossa existência através das atividades que desempenhamos dia após dia, nos permitindo não só “estar” no mundo, mas também “ser” no mundo de maneira transformadora. “A quebra do cotidiano significa nossa ruptura com o contorno [...]” (KUJAYSKI, 1988, p. 35). O corte com as relações já estabelecidas, provoca uma desfamiliarização com a rotina, abrindo a possibilidade da crise se instalar. No entanto, essa crise pode ser encarada como uma dualidade de

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

sentido, pois o sujeito pode ficar preso à ansiedade existencial, repercutindo em uma futura depressão, ou fazer desta uma força propulsora para reconstruir sua vida numa nova perspectiva. **CONCLUSÃO** Ao finalizar o respectivo trabalho, considerando nossos objetivos, foi possível ressaltar a importância dos primeiros anos de vida no processo de constituição do sujeito psíquico. A centralidade do papel desempenhado pelo Outro. É ainda, o êxito na formação do indivíduo, quando este deixa de ser parte do Outro e assume sua própria identidade. Distanciar-se da função materna, insatura uma condição faltante na criança, em que ela se vê quase obrigada a procurar formas de se satisfazer por conta própria. Para isso, a criança irá explorar melhor o mundo e criar novos laços relacionais. Porém, ela só irá avançar

se formada uma “confiança básica” necessária para se sentir segura em um mundo ainda desconhecido. Sentir-se impossibilitado de interagir com o mundo exterior, pode ser consequência da não formação do “casulo protetor”. A não apropriação de um cotidiano leva o indivíduo a um conflito existencial, pois sem uma linearidade para se criar expectativas é possível que ele se considere apenas um ser passivo dos acontecimentos. É o extremo da convivência com a falta, quando essa já não se coloca mais como impulso para ser preenchida e sim estabelece uma angústia existencial incapaz de encontrar formas para se reverter. Portanto, a mesma crise improdutiva que gera a depressão, pode ser também uma forma de levar o sujeito a confrontar seus sistemas mais complexos, a fim de reesignificá-los. Se repensarmos a forma como encaramos a crise, fica mais fácil de lidar com as adversidades que o processo de estar vivo nos impõe. Precisamos ter consciência de que ao longo da vida infinitas crises irão se defrontar conosco. O conceito de “falta” abordado na psicanálise, é exatamente esse processo de estar sempre em movimentação, pois no momento em que um desejo é satisfeito, outro surge, constituindo um ciclo sem pausas. **PALAVRAS – CHAVE** Função Materna; Desamparo; Ansiedade; Crise do Sujeito **AGRADECIMENTOS** Ao nosso orientador, Prof. Me. Valdir Graniel Kinn pelo empenho, apoio e confiança depositados ao nosso trabalho. Ao Prof. Dr. Gustavo Hector Brun, pela revisão do texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Fabiana. Ansiedade existencial. Oficina de Psicologia. [S.l.], 8 jun. 2011. Disponível em: <<http://oficinadepsicologia.blogs.sapo.pt/84119.html>>. Acesso em: 19 maio 2016.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcindo; DA SILVA, Roberto. Metodologia Científica, 6. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006. 328 p.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. A Crise do Século XX. 2. ed. [S. l.]: Editora Ática, 1988. 207 p.
- MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: Para navegar no século XXI. Org. Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 2000, 2. ed. 294 p.
- SINAY, Sergio. A Sociedade dos Filhos Órfãos. 2. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2015. 224 p.